



UMA BREVE HISTÓRIA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS PRIMEIROS 20 ANOS

Euler R. Westphal¹

RESUMO

A teologia da libertação surgiu na América Latina como resposta às estruturas de opressão política, social e cultural. A maioria da população na América Latina é pobre. Segundo a teologia da libertação, a fé cristã precisa promover mecanismos de superação da opressão. A opção preferencial pelos pobres é decorrente da obediência ao evangelho. Desse modo, a teologia busca pela eficácia, que se expressa na libertação dos pobres de todas as opressões sócio-políticas. A teologia da libertação não deixa de ser uma busca legítima de obediência evangélica na história. Entretanto, também deve ser mencionado que ela não considera suficientemente a radicalidade do pecado. Assim sendo, a salvação do ser humano se limita às transformações sociais. O pobre carrega em si o Cristo de Deus, porque Jesus era pobre.

Palavras-chave: teologia da libertação; opção preferencial pelos pobres.

1 Euler Renato Westphal, Doutor em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-graduação na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo/RS. Professor de Teologia Histórico-Sistemática na Faculdade Luterana de Teologia – FLT em São Bento do Sul/SC. Professor de Bioética no curso de Medicina e professor no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE/SC. Publicou os seguintes livros: O Deus cristão: um estudo sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff. São Leopoldo: Sinodal, 2003. O oitavo dia na era da seleção artificial. São Bento do Sul: União Cristã, 2004. Brincando no paraíso perdido: as estruturas religiosas da ciência. São Bento do Sul: União Cristã, 2006. Para entender Bioética. São Leopoldo: Sinodal: 2006. Ciência e Bioética. São Leopoldo: Sinodal: 2009. Publicações na área da Teologia, Filosofia, Ética e Bioética. E-mail: eulerrw@brturbo.com.br. O currículo completo está disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4796349P9>

ABSTRACT

The Theology of Liberation has appeared as reaction to the political, social, and culture framework. That grew up in Latin America. The most part of population in Latin America is poor. According to Theology of Liberation, the Christian faith needs to promote endeavour of superation from the oppression. The preferential option for the poor is resulting from the obedience to the gospel. Moreover, the theology searches the efficacy, that expresses through the liberation of the poor people from all their social and politics oppression. The Theology of liberation is a legitim search to obedience to the gospel in the history. However, it is necessary to say, that the Theology of liberation didn't give attention to the radicality of the sin. Thereby, the salvation of the people is limited to the social transformation. Thus the poor person is loading in his person the Christ of God, because Jesus was poor.

Keywords: *Theology of Liberation; preferential option for the poor.*

I. INTRODUÇÃO

Neste artigo, procuramos compreender melhor a teologia da libertação através da sua caminhada histórica, até porque ela pretende ser uma teologia genuinamente latino-americana. Procurou-se focar, com brevidade, o desenvolvimento histórico da teologia da libertação, concentrando-nos na história desta, mais ou menos a partir da década de 1960, seguindo até o ano de 1980. Omitimos todo o período da teologia neocolonial e da assim chamada “Nova Cristandade” a partir de 1930² que, ao nosso modo de ver, também foi importante para a edificação dessa proposta teológica.

Em nosso intento, não podíamos omitir em nos ocupar com alguns aspectos fundamentais postulados pela teologia da

2 DUSSEL, Enrique. Hipóteses Para Uma História da Teologia Na América Latina (1942-1980). *História da Teologia na América Latina*. 2ª ed., São Paulo: Paulinas, 1985, p. 175-178.

libertação, a exemplo do pobre como conteúdo central da teologia latino-americana da libertação. Inclusive nos detemos um pouco na primazia do compromisso com práxis histórica na articulação teológica.

No posicionamento crítico, intencionamos ver alguns aspectos positivos que, de fato, contribuem para a existência teológica. Essa maneira de articular a teologia chama à obediência da fé que se materializa no compromisso histórico da libertação. Ela também é um constante chamado à igreja e à teologia ao arrependimento das amarras de interesses e de instrumentos de opressão ao Deus livre e verdadeiro.

Desenvolvemos também a crítica a uma teologia que, em nossa opinião, corre o risco de não respeitar mais a alteridade de Deus, o qual, em Jesus Cristo, o crucificado e ressurreto, é a única e exclusiva revelação para a salvação. Parece-nos que ao povo, como pobre e oprimido, como mediação histórica, é conferida uma importância excessiva.

Encontramos algumas dificuldades em desenvolver a temática por haver incongruências em algumas interpretações da caminhada histórica da teologia da libertação na fase de formação e de desenvolvimento. No presente, a teologia em questão passa por uma revisão em alguns dos seus postulados. Foram quatro os autores que nortearam na pesquisa e, a partir deles, assessoram-nos de outros autores que clareassem o assunto proposto.³

3 DUSSEL, Enrique. VI. Sexto Período: A Teologia da Libertação Latino-Americana (A Partir de 1959). *História da Teologia na América Latina*. 2ª ed., São Paulo: Paulinas, 1985, p. 178-196. Cf. BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como Fazer Teologia da Libertação*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 93-107. GUTIÉRREZ, Gustavo. Art. "Duas perspectivas teológicas: teologia da libertação e teologia progressista". In: TORRES, Sérgio; FABELLA, Virgínia (Orgs.). *O Evangelho Emergente*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 268-299.

I. A ANTERIORIDADE DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

1. A Teologia desenvolvimentista e sua superação

Na década de 50-60, encontramos governos populistas na América Latina. Estes incentivaram o nacionalismo na consciência coletiva e se empenharam pelo desenvolvimento da indústria nacional substituindo as importações. Esse modelo de desenvolvimento beneficiou a burguesia e promoveu o favelamento dos setores mais fracos, desenvolvendo um capitalismo dependente dos países do centro. Essa situação gerou a mobilização das massas populares que lutavam por mudanças na estrutura social e econômica. Nesse contexto, apareceram as ditaduras militares, que se encarregaram de perpetuar tal modelo econômico e de controlar as massas populares em ebulição.⁴ Em meio a todo esse processo, ocorre a revolução socialista em Cuba e a derrubada do ditador F. Batista. Assim, Fidel Castro e “Che” Guevara se tornam símbolos da libertação em âmbito mundial. Inclusive eclodem movimentos de libertação em muitas partes do mundo.⁵

MONDIN, Battista. *Os Teólogos da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 25-34. Cf. SCHAULL, Richard. *De dentro do furacão: Richard Schaul e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Sagarana; CEDI; CLAI, 1985.

4 BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como Fazer Teologia da Libertação*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 94.

5 DUSSEL, Enrique. Hipóteses para uma História da Teologia na América Latina. *História da Teologia na América Latina*. 2ª ed., São Paulo: Paulinas, 1985, p. 180.

Fatores eclesiológicos e teológicos também contribuíram substancialmente para a articulação da teologia da libertação. Na Igreja Católica existiram vários movimentos que assumiram a missão social, entre eles a JAC (camponeses), a JEC, a JOC (operários) e a JUC (universitários), e ainda o Movimento de Educação de Base e as primeiras Comunidades Eclesiais de Base. Assim, clérigos e leigos assumem o compromisso sócio-político.

Há uma tomada de consciência das verdadeiras causas do subdesenvolvimento e da existência das classes oprimidas, pois desenvolvimento e subdesenvolvimento são os dois lados da mesma realidade. Inclusive, muitas pessoas engajadas nos movimentos de missão social aderiram à revolução armada. Os Montoneros, na Argentina, era um grupo proveniente da JUC, e o MIR, no Chile, tinha adesão da maioria do assim denominado “grupo dos oitenta”, que era constituído de sacerdotes. Ainda assim, a teologia da libertação não se fundamenta nesses grupos, mas “cresce na perseguição, no martírio dos cristãos latino-americanos”,⁶ e ela cresce, em especial, ao lado do povo que se organiza .

A teologia do progresso acredita no desenvolvimento dos povos subdesenvolvidos através da aplicação de tecnologia e dos favores dos países ricos. Inclusive, o Concílio Vaticano II estaria inserido no pensamento da teologia desenvolvimentista. Essa teologia não considera a conflitividade do mundo, pois ela assume uma atitude apriorística positiva para com o mundo, por ser fruto da educação de um ambiente eclesial burguês. A consciência sociológica, que o Primeiro Mundo é rico em função da pobreza do Terceiro Mundo, exigia uma ruptura e libertação a esse esquema de dependência. Assim, a teologia desenvolvimentista foi superada

⁶ Enrique DUSSEL, op. cit., p. 179.

em favor dos fundamentos da teologia da libertação e, nessa época, também aconteceu uma ruptura epistemológica no contexto das ciências humanas. As bases para os fundamentos teóricos foram dados quando a militância dos grupos cristãos já acontecia como processo de libertação sócio-política.⁷ Após a Segunda Guerra, os teólogos que haviam estudado no Primeiro Mundo apenas reproduziam aquilo que lá haviam aprendido. No decorrer do amadurecimento teológico, alguns deles voltam-se para a sociologia, servindo-se dela como instrumento para descrever a realidade e, com isso, são fundados organismos de estudos sócio-políticos. Esse período tem o seu ápice em um congresso no México, em setembro de 1969, quando reuniu-se sob o tema “Fé e Desenvolvimento”. A teologia latino-americana conquistou sua autonomia, passando a articular um discurso voltado à questão da injustiça no continente.⁸ De qualquer forma, não pode ser desconsiderado que toda a sociedade, incluindo a igreja, vivia um período de ebulição social, e que o momento histórico favorecia as primeiras reflexões no sentido libertador.

O Concílio Vaticano II, (1962-1965), que transcorreu num clima de liberdade, favoreceu os teólogos latino-americanos a uma articulação teológica autônoma. A esquerda católica produziu, entre 1959-1964, publicações que, em sua metodologia, apontavam para a teologia da libertação. Alguns dos teólogos de primeira hora da teologia da libertação foram: Gustavo Gutiérrez, Segundo Galilea, Juan Luis Segundo, Lucio Gera. No meio protestante se destacaram Emílio Castro, Júlio de Santa Ana, Rubem Alves e José Miguez

7 Cf. BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como Fazer Teologia da Libertação*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 95 – 96; Cf. DUSSEL, Enrique. Hipóteses para uma História da Teologia na América Latina. In. DUSSEL, Enrique. *História da Teologia na América Latina*. 2ª ed., São Paulo: Paulinas, 1985, p. 181.

8 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 180.

Bonino.⁹ Do lado católico também deve ser contado José Comblin.¹⁰ Devemos salientar ainda, que já em 1964, Gustavo Gutiérrez postulava que a teologia seria “reflexão crítica da práxis”.¹¹

2. A Conferência de Medellín

Os anos de 1965-1968 são fundamentais, pois, nessa época, a teologia da libertação lança raízes profundas. Em Medellín (1968), na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, o tema “Vaticano II à luz da realidade latino-americana” refletiu o engajamento da comunidade cristã na realidade sócio-política.¹² O contexto sócio-político, nessa época, foi favorável para esse tipo de abordagem teológica. Vale mencionar que, naquele período, as ditaduras, a repressão e o empobrecimento tornaram-se ainda mais cruéis.¹³

Battista Mondin apresenta alguns aspectos comparativos

9 BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como Fazer Teologia da Libertação*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 96s.

10 Enrique DUSSEL, op. cit., 1985. p. 180.

11 Leonardo BOFF; Clodovis BOFF. *Como Fazer Teologia da Libertação*, p. 97. Ver importante artigo de OLIVEROS, Roberto. “Historia de la teologia de La liberacion”. In: ELLACURIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la teologia de la liberación*. Vol. 1. Madrid, Ed. Trotta, 1990, p. 17-50.

12 GUTIÉRREZ, Gustavo. Art. “Duas perspectivas teológicas: teologia da libertação e teologia progressista”. In: TORRES, Sérgio; FABELLA, Virgínia. (Orgs.). *O Evangelho Emergente*. São Paulo, Paulinas, 1982, p. 289ss. A intenção da conferência foi aplicar o conteúdo do Vaticano II ao contexto da América Latina. Medellín assumiu o projeto de propor soluções reais à pobreza na América Latina. Esse projeto havia sido confiado ao Vaticano II, mas não foi plenamente desenvolvido. O tema da conferência era para ser, “A América Latina à luz do Vaticano II”, mas prevaleceu a inversão da colocação da temática proposta inicialmente.

13 Gustavo GUTIÉRREZ, op. cit., p. 298, nota 31.

entre o Vaticano II e a conferência do episcopado latino-americano realizada em Medellín.¹⁴ A conferência de Medellín modificou alguns temas fundamentais em relação ao Vaticano II: na primeira questão, a posição do Vaticano II defende a postura desenvolvimentista a partir dos países ricos. Enquanto isso, Medellín aborda a questão do subdesenvolvimento a partir dos países pobres e define isso como colonialismo e opressão. Na segunda problemática, o Vaticano II postula pela igreja no mundo, suavizando os conflitos sociais. Medellín diminui a distância entre a igreja e o mundo, inclusive o mundo no qual a igreja está inserida encontra-se em ebulição revolucionária. O Vaticano II permanece preso à preocupação eclesiástica, pois aqui é tratado da renovação da própria igreja, enquanto que Medellín fala da transformação da igreja, porque ela é reflexo da realidade do mundo de miséria e injustiça no qual se encontra.

O Vaticano II representa o pensamento da teologia desenvolvimentista. Para Medellín, o subdesenvolvimento não é mais uma fatalidade, mas consequência do abuso de poder e das estruturas profundamente injustas. O subdesenvolvimento seria uma forma de violência institucionalizada, e o ser humano deve ser responsabilizado por isso. A conferência dos bispos em Medellín denuncia toda a estrutura de subdesenvolvimento como situação de pecado, que é o inimigo que Jesus quer combater e suprimir.¹⁵ A obra de Cristo é obra de libertação dessa realidade de escravidão com todas as suas implicações. A libertação abrange o ser humano

14 MONDINm Battista. *Os Teólogos da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 30ss.

15 O conceito de pecado é fundamentalmente estrutural, porque aos pobres foi tirado o direito à justiça. “Assim, há uma realidade de pecado porque a história da salvação tornou consciente esta realidade como negação da vida aos pobres.” HOFSTÄTTER, Leandro Otto. *A concepção de pecado na Teologia da Libertação*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003, p. 59.

em todas as dimensões da sua existência. A conferência de Medellín defende uma teologia e uma catequese que assumam as angústias e esperanças do ser humano e lhes ofereçam a salvação integral em Cristo.

3. A Teologia Política

Conforme Battista Mondin, a teologia política europeia também foi fundamental no desenvolvimento da teologia da libertação.¹⁶ Os teólogos J. B. Metz, H. Cox, J. Moltmann e R. Schull são representantes da teologia política. A mensagem de Cristo e a história da salvação são interpretadas com base na práxis política. Segundo eles, esse seria o aspecto que mais determina a existência do ser humano. As conclusões das suas pesquisas apontavam para o caráter social e público da pessoa de Cristo e da mensagem cristã. A cruz de Cristo não pode ser reduzida à dimensão do particular, na esfera da existência do indivíduo, como não pode ser confinada ao espaço do sagrado da religião, mas a cruz rompe essas reduções e confinamentos.

Para Moltmann, a teologia política tem suas raízes na teologia da esperança, por isso, ela é denominada de teologia política da esperança.¹⁷ Inclusive Moltmann exclui a doutrina luterana dos dois reinos e a ética política de K. Barth em suas reflexões sobre a esperança. A teologia política está preocupada com o futuro do mundo moderno, e isso significa que a transcendência não é uma grandeza metafísica e sim escatológica.

16 Battista MONDIN, *Os Teólogos da Libertação*, p. 32s.

17 Gustavo GUTIÉRREZ, *Duas perspectivas teológicas: teologia da libertação e teologia progressista*, p. 276s.

A teologia política preocupa-se com o homem moderno, autônomo, secularizado e individualista da sociedade burguesa. Portanto, trata-se de uma teologia política crítica. Para G. Gutiérrez, ainda que a teologia política tenha nascido no meio burguês, ela estaria tomando conhecimento, apesar das reservas, dos temas da teologia da libertação.¹⁸ Desse modo, Moltmann tem-se mostrado crítico para com a teologia latino-americana da libertação, porque ela tem apresentado pouco interesse para com as questões da liberdade e da democracia. Conforme G. Gutiérrez, D. Bonhoeffer foi o primeiro teólogo a responder o desafio da modernidade e a libertar a teologia das amarras das premissas modernas. Para Bonhoeffer, segundo Gutiérrez, o Deus da fé cristã é aquele Deus que sofre em Jesus Cristo, assim o cristão deve testemunhar do sofrimento de Deus no mundo adulto. Bonhoeffer teria defendido a posição de que os grandes acontecimentos da história deveriam ser interpretados a partir dos oprimidos.

Segundo Gutiérrez, é elucidativo que K. Barth, o teólogo verticalista, preocupado com a transcendência de Deus, tenha sido profundamente sensível às questões sócio-políticas. Enquanto Bultmann, o teólogo interessado na imanência, não tenha se preocupado com a opressão e a miséria dessa realidade imanente. G. Gutiérrez afirma: “A ‘espiritualidade’ não exclui a ‘consciência social’”. Segundo ele, a incompatibilidade real acontece entre o individualismo burguês e a espiritualidade.¹⁹

18 Gustavo GUTIÉRREZ, op. cit., p. 277. Devemos salientar que esta posição de G. Gutiérrez deve ser colocada no lugar histórico de agosto de 1976, no congresso de *Dar es Salam* na Tanzânia.

19 Gustavo GUTIÉRREZ, op. cit., p. 293.

II. A FORMULAÇÃO TEMÁTICA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Em meio ao turbilhão de 1968, a teologia da libertação foi formulada pela primeira vez. Gustavo Gutiérrez teria colocado essa teologia como alternativa à teologia do desenvolvimento, o mesmo aconteceria com R. Schuall no âmbito ecumênico, R. Alves no âmbito do protestantismo brasileiro e Lucio Gera a partir do populismo argentino.²⁰ Segundo Boff, em 1969, por ocasião de um reencontro em Cartigny, na Suíça, estariam sendo colocados os primeiros delineamentos para a teologia da libertação. Em 1970, na cidade de Bogotá, acontece o primeiro congresso sobre teologia da libertação, que se repete em 1971. Congressos são organizados no âmbito protestante em Buenos Aires entre 1970 e 1971. Então, em dezembro de 1971, G. Gutiérrez lança o livro cujo título, *“Teologia da libertação, perspectivas”*,²¹ emprestou o nome à articulação teológica emergente. Na mesma época, Leonardo Boff publica o livro *“Jesus Libertador”*. Juan Luis Segundo já publicara, em 1970, o seu *“De la sociedad a la teología”*, Lucio Gera, em 1970, o seu *“Apuntes para una interpretación de la Iglesia Argentina”* e Hugo Assmann, em maio de 1971, publicava o livro coletivo *“Oposición-liberación: desafío de los cristianos”*.

20 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 181. Gustavo GUTIÉRREZ, op. cit., p. 290. A obra que melhor representa a discussão da Teologia da Libertação no contexto luterano e o processo histórico de reflexão teológica é a de ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Paulo, Ed. Ática, 1994.

21 Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. [Teología de la Liberación]. Trad. Jorge Soares. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1983 (1975), 275 p. (Orig. espanhol).

Chama atenção que as publicações no âmbito protestante acontecem antes. Em 1967, José Míguez Bonino publica seu livro “*La fe en busca de eficacia*”.²² Rubem Alves publica, em inglês, no ano de 1969, “*Religion: opio o instrumento de Liberación*”. Esse livro foi publicado com o título em espanhol no ano de 1970.²³ Inclusive B. Mondin considera Shaull,²⁴ Comblin e Alves os precursores da teologia da libertação.²⁵ Segundo Dussel, a partir de Hugo Assmann, entre 1970-1971, as diferenças entre a teologia política e a teologia da esperança tornam-se mais evidentes, e o movimento requer uma fundamentação sólida dos seus postulados, e assim, dá-se o início de uma articulação filosófica da teologia da libertação.²⁶

Em 1971, o secretário do CELAM, D. Eduardo Pironio, disse em Nova York: “Nossa missão, como a de Cristo, consiste em dar a boa nova aos pobres, proclamar a libertação dos oprimidos”,²⁷ confirmando assim as afirmações nos documentos de 16 bispos liderados por D. Helder Câmara. Estes, já em junho de 1966, em Paris, disseram que “os povos do terceiro mundo constituem o proletariado do mundo atual”. A reflexão teológica diz respeito ao compromisso político concreto do cristão que se encontra na função

22 Cf. BONINO, José Míguez. *A Fé em busca de eficacia: uma interpretação teológica latino-americana sobre libertação*. [*La fe en busca de eficacia: una interpretación de la reflexión teológica latinoamericana de liberación*]. Trad.

23 Getúlio Bertelli. São Leopoldo, Sinodal, 1987. 131 p. (Teologia Sistemática, a-11). Orig. espanhol.

24 Cf. Leonardo BOFF; Clodovis BOFF, *Como Fazer Teologia da Libertação*, p. 98s.

Interessante abordagem sobre a Reforma protestante e a Teologia da Libertação. Cf. SCHAULL, Richard. *Reforma Protestante e a Teologia da Libertação: perspectivas para os desafios da atualidade*. São Paulo: Pendão Real, 1993.

25 MONDIN, Battista. *Os Teólogos da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 37.

26 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 181.

27 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 181.

de intelectual orgânico incorporado às classes oprimidas.

Por outro lado, a teologia da libertação procura fundamentar epistemologicamente a sua teologia. E isso acontece ao desenvolver uma argumentação coerente que parte da experiência espiritual, assumindo o método do ver, julgar e agir. Esse método já vinha sendo praticado desde os tempos da Ação Católica. Para a teologia da libertação é fundamental que o discurso esteja fundamentado na práxis, mas ela não negligencia a clara elaboração do seu universo conceptual. Inclusive os epistemólogos também são aqueles que estão inseridos nos movimentos de libertação das classes oprimidas.²⁸

III. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO SOB A SOMBRA DAS DITADURAS

A repressão e a dominação dos Estados Unidos estão presentes em quase todo o continente latino-americano. A teologia da libertação, ao se inspirar no êxodo do Egito, articula-se em meio à realidade do cativo e do exílio. L. Boff apresenta o Cristo libertador como sendo o Servo Sofredor.

No início da década de 60, com o fracasso do projeto norte-americano para a América Latina “Aliança para o Progresso”, ocorre um endurecimento das relações dos Estados Unidos para com a América Latina. Há inclusive a suspeita de que o padre belga Roger Vekemans tenha recebido dez milhões de dólares para ajudar a democracia cristã contra a Unidade Popular no Chile, de orientação

28 Cf. Leonardo BOFF; Clodovis BOFF, op. cit., p. 100s.

marxista.²⁹

Parece-nos importante considerar que, a Aliança para o Progresso, fundada pelo presidente Kennedy em 1961, tinha como objetivo investir nos países latino-americanos com dinheiro e com pessoas especializadas. Com a morte de Kennedy e o desinteresse de Johnson e Nixon, o projeto fracassou. De qualquer forma, essa aliança estava fundamentada em teorias econômicas erradas, pois não se reduziriam as diferenças entre países pobres e países ricos e não se procurava por soluções para equacionar o problema da riqueza e pobreza.

A teoria desenvolvimentista já tinha atraído muitos teólogos. Estes articulavam sua teologia defendendo a relação entre trabalho e progresso como característica do ser cristão. Teólogos como R. Alves, J. Comblim, J. L. Segundo, H. Assmann, G. Gutiérrez, outrora também tinham se esforçado em encontrar um fundamento teológico à teoria do progresso.³⁰

Em 1964, o Brasil vive o golpe de estado, em 1971, ocorre o mesmo no Uruguai, em 1972, na Bolívia e em 1973, no Chile. Todos os líderes desses golpes receberam as instruções militares dos Estados Unidos. O “informe Rockefeller” de 1969, expõe que, por uma questão de segurança e para preservar os valores da civilização cristã ocidental, os Estados Unidos ajudariam os militares, pois estes seriam os defensores dos valores cristãos. Não se fala mais em liberdade e nem em democracia, mas em ordem e segurança. O poder constituído articula uma campanha ideológica, apresentando-se como defensores da liberdade e, que a ordem constituída seria análoga ao direito natural e divino, enquanto que o comunismo

29 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 182.

30 Battista MONDIN, *Os Teólogos da Libertação*, p. 27s.

seria um conceito empregado para circunscrever tudo aquilo que dizia respeito às práticas libertadoras, por isso, essas articulações libertadoras deveriam ser extirpadas como o próprio demônio.

As armas, a violência policial, todo o aparelho do estado foi colocado a serviço dessa legalidade, tanto assim que, grupos da igreja cristã, agrupados por progressistas, reformistas e desenvolvimentistas pós-conciliares, apoiaram o poder constituído das ditaduras.³¹ A partir de novembro de 1972, são fechados vários institutos de articulação libertacionista e, também Comblin e Dussel são excluídos do instituto de catequese em Manisales.

O Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) convoca duas reuniões, uma em Bogotá (1973) e outra em Lima (1975), onde, no confronto, clarificam-se as posições da teologia progressista de modelo europeu e a posição da teologia da libertação latino-americana. Nessa ocasião, nenhum teólogo da libertação estaria entre os palestrantes.³² No contexto da perseguição, os teólogos da libertação crescem em número e na profundidade da sua teologia. Novos valores são incorporados ao movimento, entre eles, estaria Jon Sobrino de El Salvador. A teologia da libertação como reflexão teológica se desenvolveu na práxis concreta, no contexto político, social e cultural dos movimentos populares de libertação, colocando-se junto aos mártires da causa da libertação na América Latina. O “Cristãos para o Socialismo”, fundado em 1972, também constituiu numa contribuição à teologia em âmbito mundial.

Ainda aconteceram outros eventos importantes para que a teologia da libertação tivesse alcance mundial no âmbito teológico. Em julho de 1972, ocorreu o encontro em *El Escorial* sob o tema:

31 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 182.

32 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 183, 194, nota 65.

“Fé cristã e transformação social na América Latina”.³³ No primeiro encontro latino-americano de teologia no México, em agosto de 1975, confrontaram-se as posições funcionalistas norte-americanas e a teologia da libertação. Na semana seguinte, em Detroit, aconteceu o primeiro encontro de teólogos da libertação com o movimento da teologia negra, o movimento das mulheres, dos indígenas, dos chicanos e outros.³⁴ A teologia da libertação ganha espaço e reconhecimento mundial. Nesse período, vive-se o cativo em atitude de prudência e paciência, sem perder de vista a questão estratégica da libertação. A perseguição aos teólogos da libertação se intensificou na década de 1980. Em toda a América Latina houve muitos assassinatos de teólogos, missionários, sacerdotes, pessoas ligadas aos movimentos da teologia da libertação. Particularmente traumático foi o assassinato, pelos soldados do Exército Nacional em San Salvador, El Salvador, dos teólogos jesuítas que defendiam a causa dos pobres na América Central, em 16 de novembro de 1989. Esses teólogos são considerados mártires da causa da libertação: Ignacio Ellacuría, Segundo Montes, Ignacio Martín-Baró, Amando López, Juan Ramón Moreno, Joaquín López-López. Com eles também foram brutalmente assassinadas a funcionária da residência dos jesuítas, Elba Julia Ramos e sua filha, Celina, com apenas 15 anos.³⁵

33 Cf. Leonardo BOFF; Clodovis BOFF, op. cit., p. 103.

34 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 183.

35 Cf. ELLACURIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Vol. 1. Madrid, Ed. Trotta, 1990, p. 9-12; Cf. <http://www.iep.utm.edu/ellacuri/>; Cf. http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_content&task=view&id=329&Itemid=101 – Acesso em 13 de agosto de 2010.

IV. O DESENVOLVIMENTO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

1. O Reconhecimento Mundial

As ditaduras latino-americanas são alvo de críticas externas causadas pela crise mundial de 1974-1975 e pela política de abertura e dos direitos humanos defendida por Jimmy Carter. No âmbito teológico acontece a III Conferência Geral de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979 em Puebla. Nessa conferência, teria ocorrido a disputa teológica mais importante na América Latina. O aspecto da libertação dos oprimidos é reconhecido como “parte integrante”, “indispensável”, e “essencial” da evangelização. Inclusive são ressaltados aspectos próprios dos fundamentos postulados pela teologia da libertação como a opção preferencial pelos pobres, a evangelização, a libertação e a promoção humana. Percebemos assim, que os teólogos da libertação tiveram influência muito grande nessa conferência.³⁶

Alguns encontros foram importantes para a articulação teológica da libertação. A partir da iniciativa de E. Dussel e S. Torres, realizou-se o encontro em Dar es Salam, na Tanzânia, em 1975. Em dezembro de 1977, aconteceu o encontro em Acra, em Gana e, em dezembro de 1978, houve o encontro em Colombo, no Sri Lanka. O encontro em São Paulo, em 1980, foi o mais importante, pois reuniu 160 representantes da África, Ásia, Europa, América do Norte e América Latina. Por essa ocasião, foram debatidos assuntos

36 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 184. Cf. Leonardo BOFF; Clodovis BOFF, op. cit., p. 105s.

referentes à igreja popular e temas que surgiram a partir da prática da década de 70. Em 1983, ocorreu um encontro em Genebra, na Suíça. Esses encontros também contribuíram para a divulgação da teologia da libertação em âmbito mundial.

A partir de 1975, existe uma postura crítica clara contra a teologia da libertação, que já vinha se articulando há mais tempo. Três elementos importantes devem ser mencionados, sendo as pessoas de Alfonso López Trujillo secretário e presidente do CELAM, Roger Vekemans (CEDIAL) e Boaventura Kloppenburg, ex-diretor do Instituto Pastoral de Medellín e bispo auxiliar em Salvador. As posições contrárias encontraram-se para uma reunião em 2-7 de março de 1976 em Roma, onde estavam presentes personalidades como López Trujillo, Vekemans, Bigo, e a temática foi “Esperança cristã e prática social”. A teologia da libertação esteve sob a crítica da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, com sede no Vaticano. Em especial, o livro de Leonardo Boff, publicado em 1981, *Igreja: carisma e poder* suscitaria, posteriormente, pesadas críticas do Cardeal Joseph Ratzinger. Em 1985, Leonardo Boff seria punido com um ano de “silêncio obsequioso”. Em 1992, diante de possíveis punições, Boff pede desligamento da ordem dos Franciscanos e do sacerdócio.³⁷

37 Cf. BOFF, Leonardo. “O Processo doutrinário A Igreja: carisma e poder. Documentos: Apêndice”. In: BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder. Ensaio de eclesiologia militante*. São Paulo, Ed. Ática, 1994, p. 267-367. Boff se defende das acusações dirigidas a ele pelo Cardeal J. Ratzinger. O teólogo brasileiro sustenta que as reflexões teológicas são fruto de uma determinada cultura, limitadas a um determinado contexto histórico. Ao distinguir entre revelação e a objetivação da revelação pela linguagem, Boff insiste que não está deslocado da tradição teológica de sua Igreja. Na sua crítica, Boff reafirma que as doutrinas encobrem o Deus da revelação. Ver também WESTPHAL, Euler Renato. *O Deus cristão: um estudo sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Sinodal, 2003, p. 193.

Em outubro de 1977 ocorre o diálogo, no México, entre os teólogos da libertação e Moltmann, Cox, Cone e alguns outros teólogos. No memorando de novembro de 1977, há uma palavra clara de apoio à teologia da libertação que conta com figuras como Rahner, Metz e Moltmann. Ainda viriam documentos de apoio de Congar, Chenu, Aubert, Casalis. Mais tarde, alguns teólogos norteamericanos também viriam expressar o seu apoio à teologia latino-americana da libertação e, assim, em 1978, ela tem seus temas reconhecidos universalmente.³⁸

Promoveu-se, em fevereiro de 1978, um encontro entre os teólogos da libertação e estudiosos da sociologia. Assim, a teologia da libertação desenvolve um discurso teológico sócio-econômico. Franz Hinkelammert publica seu livro: “As armas ideológicas da morte. O discernimento dos fetiches”, iniciando um novo momento na história da libertação.

Em janeiro de 1979, em Matanzas, Cuba, pouco antes da conferência de Puebla, aconteceu o diálogo da teologia da libertação com teólogos de países socialistas. Esse diálogo veio contribuir para a revolução sandinista na Nicarágua. O encontro de Detroit, e o simpósio do CEHILA, em 1980, teriam encerrado o período que se estendeu de 1976 a 1980.

2. A Sistematização

A questão da eclesiologia é fundamental para a teologia em questão. Dois são os fenômenos principais que dão vida à teologia da libertação: a mobilização e a organização do povo, a exemplo do

38 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 195, nota 78.

quem aconteceu na Nicarágua na década de 1980, e a igreja popular que se articula no seio desse povo. A teologia da libertação sempre tematizou questões que estiveram afinadas com a realidade popular na América Latina. A eclesiologia, assim como a cristologia, tem o pobre como centro da articulação temática. O pobre representa uma dimensão espiritual situada no âmbito material. O pobre pode ser o oprimido, bem como aquele que se identifica historicamente com os pobres. Esse último seria o pobre evangélico. Jesus é um pobre entre os pobres que veio libertar os socialmente e politicamente pobres.³⁹

Ao lado desses dois assuntos, ainda foi tematizada a questão da espiritualidade.⁴⁰ A teologia da libertação procura, na revelação e na tradição, aquilo que seja libertador para o contexto de opressão e libertação, sem, contudo reduzir o todo do mistério às questões sócio-políticas. A teologia da libertação tem sido motivação para alguns movimentos, como o movimento da teologia feminista e o movimento da teologia negra, tanto assim, que ela se articula nas várias novas frentes de compromisso de libertação do oprimido.

Ressaltaremos apenas três frentes desse compromisso de libertação. Na teologia feminista, a mulher oprimida é tematizada, e ela passa a ser o sujeito da articulação teológica. A questão do racismo também é tematizada, e aqui, o negro, o índio ou qualquer outra etnia é sujeito da preocupação teológica. O índio tem uma teologia que deve ter uma articulação própria, pois não é possível traduzir sua

39 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 185. Cf. Leonardo BOFF; Clodovis BOFF, op. cit., p. 68-72. Remeto aqui à publicação de uma coletânea escrita por teólogos da libertação protestantes e católicos, a partir das várias perspectivas que a fé popular expressa Jesus Cristo no Brasil. CF. MARASCHIN, Jaci C. et alii. *Quem é Jesus Cristo no Brasil?* (Col. Teologia no Brasil, 1). São Paulo, ASTE, 1974.

40 Cf. Leonardo BOFF; Clodovis BOFF, op. cit., p. 100.

abordagem teológica com conceitos europeus ou americanos.⁴¹

Para Dussel, que se reporta a Pablo Richard, faz-se necessário uma teoria nova da religião a partir de categorias de esquerda tradicionalmente definidas como ateias. A revolução na Nicarágua, em 1979, seria a atualização dessa teoria da religião. A religião pode ser um fator ativo na revolução latino-americana. Inclusive na luta revolucionária nasceria uma teologia do martírio. A religiosidade popular é obrigatória como objeto de estudos da teologia na América Latina, pois o povo, as lutas do povo, a igreja popular desse povo acontecem num mesmo contexto. Essa teologia orgânica é cada vez mais socializada. Em toda a América Latina surgem centros de reflexão teológica. A reflexão teológica não se faz isoladamente, mas em conjunto, é trabalho de equipe, ela acontece na luta popular e não está atrelada ao ambiente acadêmico.

V. ALGUNS ASPECTOS TEOLÓGICOS FUNDAMENTAIS

A teologia da libertação é constituída de dois postulados fundamentais. O primeiro axioma tematizado indica para a primazia do compromisso com a libertação. A elaboração teológica é o reflexo desse primeiro aspecto. “A teologia é a reflexão crítica sobre a práxis histórica e procede do íntimo dela, e a práxis histórica da teologia da libertação é aceitar e viver a palavra de Deus pela fé”, segundo afirmação de G. Gutiérrez.⁴² A teologia da libertação não pretende

41 Enrique DUSSEL, op. cit., p. 186.

42 Gustavo GUTIÉRREZ, *Duas perspectivas teológicas: teologia da libertação e teologia progressista*, p. 290.

fazer uma opção simplista pelo método indutivo, mas reflete sobre as relações entre a teoria e a prática. Somente é possível entender a teologia da libertação quando se entende e participa de fato da libertação dos oprimidos. Nesse aspecto, a teologia da libertação rompe com a epistemologia racionalista que articula a teologia primordialmente de forma teórica. Para a epistemologia bíblica, o compreender está relacionado com o compromisso histórico da libertação.⁴³

A teologia da libertação supera a teologia progressista que se preocupa, desde D. Bonhoeffer, com o falar de Deus ao homem moderno e crítico em um mundo adulto. A teologia da libertação dirige o evangelho ao não-ser humano, aquele a quem se nega a dignidade e os direitos fundamentais, que são os marginalizados pelo sistema opressor.⁴⁴ A teologia tem a ver com o compromisso concreto com os oprimidos e não é somente reflexão e informação teórica. O segundo postulado da teologia da libertação é definido por G. Gutiérrez da seguinte maneira: “A segunda intuição central da teologia da libertação é que Deus é um Deus libertador, que só se revela no contexto histórico concreto da libertação dos pobres e oprimidos”.⁴⁵ De qualquer forma, a segunda intuição não está dissociada da primeira, mas ambas se relacionam simbioticamente. A teologia é a reflexão crítica sobre a práxis, e essa práxis concreta significa libertação dos oprimidos. O conteúdo histórico da práxis são os pobres, que é o oprimido e feito pobre por outros. A práxis concreta luta contra a pobreza que foi imposta aos pobres pelo sistema produtivo. O pobre não pode ser objeto de caridade, mas ele

43 Cf. Leonardo BOFF; Clodovis BOFF, op. cit., p. 20s.

44 Gustavo GUTIÉRREZ, op. cit., p. 284.

45 Gustavo GUTIÉRREZ, op. cit., p. 290.

mesmo deve tornar-se sujeito de sua libertação.⁴⁶ Para Gutiérrez: “A história é o local concreto do encontro humano com o pai de Jesus Cristo”.⁴⁷ É instrutivo que, para os irmãos Boff, a verdadeira teologia está relacionada com a espiritualidade, que é o encontro com Deus na história. Inclusive a teologia da libertação teria descoberto no pobre, como fenômeno social, a aparição do Servo Sofredor Jesus Cristo. “O crucificado presente nos crucificados chora e grita: ‘Tenho fome, estou aprisionado, encontro-me nu’ (cf. Mt 25.31-46)”.⁴⁸

A experiência transcendental de Deus acontece nas práticas históricas, nas mediações humanas. Trata-se de uma nova experiência de fé e de espiritualidade. Assim, na experiência espiritual de Deus no pobre nasce a teologia da libertação. Aqui, no pobre, o cristão experimenta o Reino de Deus. Inclusive, a igreja dos pobres é o espaço histórico no qual os cristãos experimentam Deus no pobre.⁴⁹ O Espírito Santo, que atua nas estruturas históricas do mundo, acessa à experiência transcendental de Deus Pai em Jesus Cristo. Entendemos que, na experiência histórica da libertação do oprimido está a chave para a compreensão da teologia da libertação. Segundo J. B. Libânio, “a teologia da libertação lança suas raízes e haure sua inspiração última na experiência espiritual de Deus como o Deus dos pobres e na experiência do pobre, como lugar de encontro com Deus, como mediação privilegiada de Deus”.⁵⁰

46 Cf. Leonardo BOFF; Clodovis BOFF, op. cit., p. 15ss.

47 Gustavo GUTIÉRREZ, op. cit., p. 291.

48 Cf. Leonardo BOFF; Clodovis BOFF, op. cit., p. 14s.

49 LIBANIO, João B. *Teologia da Libertação: roteiro Didático para um Estudo*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 103-115.

50 João B. LIBANIO, op. cit., p. 109, 115.

VI. POSICIONAMENTO

A teologia latino-americana da libertação tem o mérito de tematizar a experiência da fé, o compromisso concreto com os oprimidos, como conteúdo da teologia. Assim, a teologia não se limita às deduções teóricas e não se deixa aprisionar ao modelo academicista de articulação teológica. A teologia da libertação significa, de certa forma, um rompimento com a epistemologia do iluminismo europeu. A teologia é desenvolvida pela via da compreensão participativa com o compromisso histórico da libertação dos oprimidos, e assim, não pode haver divórcio entre a teoria e a prática teológica. Uma teologia cientificista, aprisionada às tematizações teóricas, que procede de forma analítica e descritiva somente, seria inadequada, pois colocaria o teólogo, o sujeito do labor teológico, à margem da existência teológica concreta.

Parece-nos que a teologia da libertação tem a virtude de questionar e romper com aquele modo de procedimento teológico que legitima ideologicamente as práticas de injustiça e de opressão sócio-política. Inclusive os seus questionamentos devem ser ouvidos, pela igreja e pela teologia, como um chamado à obediência prática da fé e ao arrependimento genuínos.⁵¹ A existência teológica concreta chama ao imperativo do compromisso de liberação do ser humano oprimido sócio-politicamente.

Conforme a nossa compreensão, a teologia deve ser articulada numa relação dialogal crítica com a práxis da igreja, mas a postura empírica apriorística da teologia, defendida pela teologia em

51 HAHN, Eberhard. Art. "Anmerkungen zur Lektüre der Heiligen Schrift in Brasilien". In: *Kerygma und Dogma*. 1990/2, p. 155.

questão, poderia significar uma redução epistemológica, levando o evangelho à alienação de si mesmo, da sua própria natureza. Quando o compromisso com a práxis tem a primazia da teologia, então o intérprete arroga a si o direito de ser juiz sobre as Escrituras.⁵² O dado empírico como chave hermenêutica da teologia poderá transformar o Deus vivo e verdadeiro em deuses, e o evangelho poderá ser modificado em lei. Somente na revelação, testemunhada pelas Escrituras, encontraremos o Deus vivo e verdadeiro, e fora da revelação, permaneceremos apenas no conhecimento vago e insuficiente de Deus, que muito facilmente se transforma na adoração de ídolos.⁵³

A análise sócio-política da realidade é um instrumento válido para a compreensão dessa realidade. No entanto, essa análise pode tornar-se um instrumento autônomo e independente da teologia, não permitindo mais que a revelação testemunhada nas

52 BRAKEMEIER, Gottfried. Art. “Interpretação Evangélica da Bíblia a partir de Lutero”. In: Martin N. DREHER (Org.). *Estudos Teológicos - Reflexões em Torno de Lutero*. São Leopoldo, Vol. 21, 1981 (Número Especial), p. 29-48.

53 BOFF, Clodovis. Art. “A Teologia da Libertação e a crise de nossa época”. In: BOFF, Leonardo (org.). et alii. *A Teologia da Libertação: balanço e perspectivas*. São Paulo, Ed. Ática, 1996, p. 98-113. Nesta obra, depois de a crise estar instalada por conta da queda do socialismo real, como ocorreu nos países do leste europeu, há uma autocritica significativa por parte dos teólogos da libertação. A crítica parte, em especial, de textos de Clodovis Boff. Cf. BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática: teologia do político e suas mediações*. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1993 (1978). p. VIII. C. Boff admite, em artigo publicado em 1996, que a Teologia da Libertação, na crise, purificou-se de alguns equívocos. Ele diz: “No nível de suas mediações, muitas certezas falsas foram para o chão. Essas certezas se situavam num tríptico nível: 1) certezas de análise sobre o que era o sistema social (capitalista); 2) certezas sobre o projeto histórico de sociedade, de como devia ser o sistema (socialista) alternativo; 3) certezas sobre as estratégias corretas (de classe e revolucionárias) para se chegar a encarnar a utopia.” [Os grifos estão no texto]. Clodovis BOFF, *A Teologia da Libertação e a crise de nossa época*, p. 102. Esse tema foi abordado com profundidade na seguinte obra: Euler Renato WESTPHAL, op. cit., p. 281.

Escrituras interprete a nossa realidade. A revelação do Deus vivo e santo questiona nossa realidade, com nossas perguntas e nossas respostas, clareando a compreensão dessa realidade.⁵⁴ Parece-nos que, para a teologia em questão, a revelação também é possível na experiência espiritual de fé, nas mediações históricas, na experiência de libertação do pobre. A revelação nas mediações históricas não nos transmite a graça de Deus. Na história, como na natureza, nós somente encontramos a revelação da ira de Deus, da sua lei, pois ali somente encontramos o *Deus absconditus*.⁵⁵ Inclusive, a experiência de fé com o Deus vivo não é um dado apriorístico inerente do povo como povo pobre. Todavia, a experiência de Deus acontece porque a fé é dádiva de Deus mediada através da Escritura e vivificada pelo Espírito Santo.

Em nossa opinião, a teologia da libertação corre o risco de não distinguir entre a criação e a redenção, quando não considera sua descontinuidade, sua ruptura, enfatizando demasiadamente a continuidade. Assim, ao absolutizar os conceitos relacionados à criação, como a história, o povo, a realidade, o compromisso, corre-se o perigo de transformá-los em deuses, em ídolos.⁵⁶ A esses conceitos é dado espaço maior do que lhes é devido e podem transformar-se em grandezas autônomas que julgam a revelação, mas não se deixariam criticar e nem chamar ao arrependimento através da Escritura.

Concordamos que Deus não pode ser uma abstração teológica, pois o Deus vivo e verdadeiro é atuante na história. A revelação é autorrevelação de Deus na história em Jesus Cristo. O

54 Cf. Leonardo BOFF; Clodovi BOFF, op. cit., p. 47s.

55 PÖHLMANN, H. G.. *Abriß der Dogmatik*, p. 36.

56 Von RAD, Gerhard. Art. "A Realidade de Deus". In: G. GERSTENBERGER (Org.). *Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1981, p. 415ss.

Cristo crucificado não é apenas um mártir entre “os crucificados”⁵⁷ na América Latina como também não é um Cristo entre os “cristos”.⁵⁸ No Cristo se revela a santidade de Deus e o sacrifício expiatório. No crucificado está o juízo de Deus sobre o pecador e a graça para a salvação. Assim, a salvação de Cristo acontece *extra nos e pro nobis*. Vemos no Cristo o Deus impotente que, ao mesmo tempo, é o Deus poderoso que não enxergamos. A vitória de Cristo acontece na sua derrota, pois na impotência de Deus está o seu poder.⁵⁹ O Cristo crucificado e ressurreto é qualitativamente diferente das analogias humanas e não pode ser aprisionado pelas mediações históricas.

VII. CONCLUSÃO

A teologia latino-americana da libertação “é um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa práxis libertadora e que ela pode contribuir para tornar essa práxis mais autenticamente libertadora”.⁶⁰ Vários fatores contribuíram para a formação da teologia da libertação. Nas décadas de 50 e 60, o ambiente político, no âmbito nacional e internacional, favoreceu a mobilização das massas que reivindicaram mudanças estruturais. Essas estruturas criavam a miséria e a marginalização. No plano eclesiológico e teológico, existiram vários movimentos que assumiram a missão social favorecendo a articulação da teologia da

57 Cf. Leonardo BOFF; Clodovi BOFF, op. cit., p. 15.

58 Enrique DUSSEL, *Hipóteses Para Uma História da Teologia Na América Latina (1942-1980)*, p. 179.

59 H. G. PÖHLMANN, *Abriß der Dogmatik*, p. 170-171.

60 Battista MONDIN, *Os Teólogos da Libertação*, p. 25.

libertação.

O Concílio Vaticano II, inserido no pensamento da teologia desenvolvimentista, favoreceu a articulação dos teólogos latino-americanos. Em Medellín (1968), na II conferência dos bispos latino-americanos, foi-se mais longe que no Vaticano II, pois foram defendidas soluções reais à pobreza na América Latina. A teologia da libertação, a partir do início da década de 70, distancia-se do modelo da teologia desenvolvimentista e da teologia política da esperança e passou a formular seus próprios postulados. Em seus primeiros delineamentos, ela se preocupa em elaborar um universo conceptual desenvolvendo uma fundamentação epistemológica própria.

Em meio ao turbilhão das ditaduras, das perseguições, das prisões e mortes, a teologia da libertação se afirma como uma teologia autonomamente elaborada e conseguiu o reconhecimento internacional. Na III Conferência de Puebla (1979) teria corrido a disputa teológica mais importante na América Latina, e os postulados de libertação foram reafirmados e radicalizados. A teologia da libertação também contribuiu para algumas mudanças políticas concretas, a exemplo da revolução nicaraguense de 19 de julho de 1979.

O ponto de partida da teologia da libertação é antropocêntrico, pois o pobre é o centro da articulação temática da cristologia e da eclesiologia. O pobre é todo aquele que se encontra sob alguma forma de opressão, tanto no âmbito social, como racial e cultural a exemplo do negro, do índio ou da mulher oprimida. A experiência espiritual acontece na experiência do pobre, pois ele é a mediação privilegiada para a experiência transcendental de Deus, tanto assim que, no pobre, estaria a epifania do Servo Sofredor Jesus Cristo.

A teologia da libertação deve ser ouvida como chamado à

obediência concreta e ao arrependimento. Por outro lado, a primazia do compromisso com a práxis pode fazer do teólogo um juiz sobre as Escrituras. As mediações históricas não proporcionam a revelação da graça, mas sim, a revelação da ira de Deus, não do evangelho, mas do juízo e da lei. A teologia, em nossa opinião, não pode aprisionar o Cristo de Deus nas mediações históricas, pois teologia também é doxologia e precisa respeitar a alteridade de Cristo. No Crucificado está o juízo de Deus sobre o pecador, inclusive sobre o pobre, e nesse mesmo Crucificado, encontramos a graça para a salvação para todo o pecador, também para o pobre. Este dado teológico apriorístico não exclui o aspecto libertador, mas compromete o teólogo com a libertação concreta dos oprimidos como elemento constitutivo do evangelho do amor de Deus a todo o ser humano. No Servo Sofredor, revelado através das Escrituras e no Espírito Santo, encontramos a salvação *extra nos* e *pro nobis*, no qual todo o que crer experimentará o Deus vivo.⁶¹

61 Esta questão foi amplamente discutida no “Seminário Leonardo Boff e a Teologia Protestante”, com a presença do próprio, em 2008. O simpósio foi realizado pela EST, em São Leopoldo, e organizado por Rudolf Von Sinner. Cf. WESTPHAL, Euler R. Art. “O pensamento trinitário em Leonardo Boff; comunhão e criação”. In: Wilhelm WACHHOLZ (Ed.). *Estudos Teológicos*. Ano 48, n° 2, 2008, p. 27 – 50; SCHWAMBACH, Claus. Art. “Esperança no horizonte do pensar sacramental: uma abordagem da escatologia de Leonardo Boff em perspectiva protestante”. In: Wilhelm WACHHOLZ (Ed.). *Estudos Teológicos*. Ano 48, Nr. 2, p. 74 – 119. 2008. Ver também o artigo: SINNER, Rudolf von. “Leonardo Boff – um católico protestante”. In: Wilhelm WACHHOLZ (Ed.). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 46, n° 1, 2006, p. 152-173.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação*: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática, 1994.
- BOFF, Leonardo; Clodovis. *Como Fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes. 3ª edição. 1986.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Ensaios de eclesiologia militante. São Paulo: Ática, 1994.
- BOFF, Leonardo. O Processo doutrinário A Igreja: carisma e poder. Documentos: Apêndice. In: BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Ensaios de eclesiologia militante. São Paulo: Ática, 1994. P. 267-367.
- BOFF, Clodovis. A Teologia da Libertação e a crise de nossa época. In: BOFF, Leonardo (org.) et alii. *A Teologia da Libertação: balanço e perspectivas*. São Paulo: Ática, 1996. p. 98-113.
- BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática: teologia do político e suas mediações*. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1993 (1978).
- BRAKEMEIER, Gottfried. Interpretação Evangélica da Bíblia a partir de Lutero. In: Martin N. DREHER (Org.). *Estudos Teológicos - Reflexões em Torno de Lutero*. São Leopoldo, Vol. 21: p. 29-48, 1981. Número Especial.
- DUSSEL, Enrique. Hipóteses para uma história da teologia na América Latina (1492 - 1980). *História da Teologia na América Latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- ELLACURIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis*; conceptos fundamentales de la teología de la liberación. Madrid: Ed. Trotta, 1990. Vol. 1.
- ELLACURIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis*; conceptos fundamentales de la teología de la liberación. Madrid: Ed. Trotta, 1990. Vol. 2.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Duas perspectivas teológicas: teologia da libertação e teologia progressista. Trad. Alexandre Macintyre. In: TORRES, Sérgio; FABELLA, Virgínia. *O Evangelho Emergente*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. [Teología de la Liberación]. Trad. Jorge Soares. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983 (1975). 275 p. Orig. espanhol.
- HAHN, Eberhard. Anmerkungen zur Lektüre der Heiligen Schrift in Brasilien, Sonderdruck. In: *Kerygma und Dogma*. Zeitschrift für theologische Forschung und kirchliche Lehre. Herausgeber: W.Joest, Th.Jorgensen, R.Slenczka. 36. Jahrgang. Vandenhoeck & Ruprecht. Göttingen. 1990/2. p.111-155.
- HOFSTÄTTER, Leandro Otto. *A concepção de pecado na Teologia da Libertação*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.
- LIBANIO, João Batista. *Teologia da Libertação: Roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987.
- MARASCHIN, Jaci C.. et alii. *Quem é Jesus Cristo no Brasil?* São Paulo: ASTE, 1974. (Col. Teologia no Brasil, 1).
- MONDIN, Battista. *Os Teólogos da Libertação*. Trad. Hugo Toschi. São Paulo:

Paulinas, 1980.

- OLIVEROS, Roberto. Historia de la teología de La liberación. ELLACURIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis*; conceptos fundamentales de la teología de la liberación. Madrid: Ed. Trotta, 1990. v. 1. p. 17-50.

- PÖHLMANN, Horst Georg. *Abriss der Dogmatik*. Ein Repetitorium. Gütersloher Verlagshaus Gütersloh: Gerd Mohn, 1973.

- SALINAS, Maximiliano. Dois modelos de leitura teológica da história latino-americana. Em: RICHARD, Pablo.(org.). *Raízes da Teologia Latino-Americana*. São Paulo. Edições Paulinas, 1987.

- SCHAULL, Richard. *De dentro do furacão*: Richard Schaul e os primórdios da Teologia da Libertação. São Paulo: Sagarana; CEDI; CLAI, 1985.

- SCHAULL, Richard. *Reforma Protestante e a Teologia da Libertação*: perspectivas para os desafios da atualidade. São Paulo: Pendão Real, 1993.

- RAD, G. Von. A Realidade de Deus. In: G. Gerstenberger (Org.). *Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1981.

- SCHWAMBACH, Claus. Esperança no horizonte do pensar sacramental: uma abordagem da escatologia de Leonardo Boff em perspectiva protestante. Wilhelm WACHHOLZ (Ed.). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Ano 48, Nr. 2, 2008, p.74 – 119.

- SINNER, Rudolf von. Leonardo Boff – um católico protestante. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 46, Nr. 1, 2006, p. 152-173.

- WESTPHAL, Euler Renato. *O Deus cristão: um estudo sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Sinodal, 2003.

- WESTPHAL, Euler R. Art. “O pensamento trinitário em Leonardo Boff; comunhão e criação”. In: Wilhelm WACHHOLZ (Ed.). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Ano 48, Nr. 2, 2008, p. 27 – 50.

- <http://www.iep.utm.edu/ellacuri/> Cf. Acesso em 13 de agosto de 2010.